Brasil de Pelotas ensina como tratar nazistas

Milly Lacombe

Fonte: https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2022/02/14/milly-brasil-de-pelotas-mostra-como-tratar-nazistas.htm

Nas costas do cidadão, ali no começo do rego, lia-se a frase nazista "Mein Kampf", ou "Minha luta". No caso, a luta do moço foi a de tatuar nas cercanias da própria bunda o título do livro-manifesto de Adolph Hitler. Fez isso, tirou a camisa e foi exibir orgulhosamente sua miséria moral pelos gramados gaúchos.

Mas o cara deu azar porque apareceu valentão assim num jogo do Brasil de Pelotas, clube fundado por trabalhadores e de posições consolidadas na luta antirracista. Por isso, não demorou para que o homem fosse identificado e expulso do jogo. Deve, agora, enfrentar o curso da lei e arrastar toda a sua valentia para a frente de um juiz.

É assim que deveríamos tratar nazistas, fascistas, racistas, LGBTfóbicos e misóginos. Sem debate, sem lenga-lenga, sem "veja bem" e apenas executando a lei.

"Ah, mas e a liberdade de expressão", diriam alguns.

Liberdade de expressão precisa ser entendida como conceito coletivo, nunca individual.

Os amantes da cartilha liberal, os devotos do capitalismo estadunidense, acreditam que liberdade de expressão é um direito individual tão sagrado que precisamos aceitar até opiniões nazistas. Para eles, o indivíduo é a base de tudo, o valor máximo da sociedade, e se tirarmos isso tudo desmorona.

Mas liberdade não existe individualmente porque ninguém existe sozinho. Nenhuma liberdade pode ser entendida na dimensão do individual. A noção de que o indivíduo deve ter todas as suas liberdades respeitadas é uma noção míope, uma noção que elimina a existência do outro, que foca o debate nas coisas que eu quero dizer e fazer, e não em como o que eu digo e faço afetam os outros.

Palavras machucam, fazem sangrar e matam. Palavras incentivam e validam comportamentos violentos. Não é por acaso que estamos vendo, à luz do dia, nazistas orgulhosos desfilando suas suásticas por aí. Não é por acaso que, todos os dias, corpos negros são assassinados, espancados, dilacerados debaixo do sol. Não é por acaso que os casos de feminicídio aumentam. Nada disso é por acaso.

Elegemos um presidente que conseguiu, antes de ser eleito, agredir verbalmente todas as minorias políticas. "Ele só fala", diziam os liberais que faziam questão de compará-lo ao seu adversário político; "dois extremos", repetiam.

Assim, Bolsonaro foi eleito, deixando um rastro de violências verbais pelo caminho. Tivesse saído algemado do Congresso depois de votar pela retirada de Dilma fazendo juras de amor a um torturador que estuprava mulheres sob o olhar de seus filhos, talvez tivéssemos interrompido essa onda de violências.

Claro que o que estamos vendo agora é apenas uma minúscula expressão da história de genocídios e extermínios sobre as quais essa nação se ergueu. Claro que corpos negros sempre foram assassinados por balas pagas com o dinheiro do contribuinte aos milhares. Isso existia antes de um fascista chegar ao poder. Mas, ao escancarar todo o seu preconceito sem ser punido, Bolsonaro encorajou esse tipo de ser humano a entrar num estádio espalhando livremente seu nazismo estampado na bunda.

Nazismo (e racismo, e machismo, e LGBTfobia e misoginia) não se debate. Se combate.

Parabéns, Brasil de Pelotas.